
<http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2014v1n33p354>

Meschonnic, H. *Poética do traduzir*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo, Perspectiva: 2010. 279 p.

O livro *Poética do traduzir*, de Henri Meschonnic (1932-2009), traduzido por Suely Fenerich e Jerusa Pires Ferreira, que também escreve o prefácio nesta edição, está organizado em duas partes dialeticamente conectadas abordando a relação entre teoria e prática no ato de traduzir, procurando estender a apreciação poética da tradução no campo dos sentidos frasais e sua oralidade, para além da dramaturgia. Sua tessitura se inicia na crítica à linguística tradicional, que o autor afirma estar trancada no dualismo do signo. É preciso lembrar que Meschonnic era professor de linguística e literatura em Paris VII. Mas interessante é reparar que no livro há uma questão quantitativa um tanto curiosa, cuja incidência

qualitativa se torna inevitável. Se bem é verdade que o autor francês teve um exercício prolífico como poeta e como tradutor – publicou e foi premiado por vários livros de poesias e traduziu o Antigo Testamento –, enquanto a primeira parte do livro consta de 79 páginas, distribuídas em 6 capítulos, a segunda parte consta de 179 páginas, divididas em 10 capítulos no total. Houve, ao que parece, uma necessidade maior de desenvolver mais exemplos na narrativa dessa segunda parte, *A teoria: É a prática*. Trata-se de uma abordagem mais pormenorizada das questões envolvidas nessa relação de teoria e prática.

Deve-se destacar que Meschonnic toma o poema na sua concepção mais abrangente, quer dizer, como sinônimo de toda a literatura e não apenas para diferenciar um gênero de outro. Embora pela via negativa, logo introduz uma primeira definição de poética na acepção que ele usa no livro, pois tem uma preocupação em deslindar a ideia de poética como sinonímia da estilística, reduzindo assim seu campo de

significações e criando até confusões conceituais. Estabelece, então, uma diferença entre “poética do traduzir”, onde se privilegia *o seu resultado final*, com “poética da tradução”, onde se privilegia *o fazer*.

Na relação da sociedade com o sistema da linguagem, o autor sustenta que se misturam cultura, literatura, um povo, uma nação e indivíduos. Então, segundo ele, para compreender o que se faz com a linguagem e a teoria da linguagem, a literatura e a tradução são duas atividades vulneráveis e estratégicas. Devido a isso, critica os linguistas, por serem surdos precisamente à literatura. O autor considera a teoria e a prática literárias dois modos de transformação do sujeito, tanto na política quanto no pensamento, transformações que agem sobre o ato mesmo da tradução e cuja atividade principal é a oralidade. Segundo Meschonnic, o real modo de significar, muito mais do que no sentido das palavras, está no ritmo.

O autor do livro discorda da concepção empirista ligada ao

estilo individual, postura que, para ele, também abrange os profissionais da tradução quando lançam mão da gramática contrastiva. Lembra que a tradução automática surgiu durante a Segunda Guerra Mundial e está ligada à linguística tradicional. Menciona, no entanto, que no século XX a tradução passou da língua ao discurso e ao texto como unidade. Observa, porém, que diante da disjuntiva do ato da tradução ser uma ciência ou uma arte, traduzir textos literários sempre será uma arte, porque ela é colocada na crítica do gosto e seus problemas tornam-se, portanto, verdadeiros *mistérios*. Já sobre as transformações epistemológicas ocorridas ainda nesse século, o autor afirma:

Começa-se a descobrir a oralidade da literatura, não somente no teatro. (...) Descobre-se que uma tradução de um texto literário deve fazer o que faz um texto literário, pela sua prosódia, seu ritmo, sua significância, como uma forma de sua individuação, como uma forma-sujeito (p. XXIV).

No livro, o poeta argumenta que uma tradução é um ato da linguagem, que ela não pode se fazer passar nunca pelo original nem eliminar sua poética e que é como um trabalho de palimpsesto. Critica as noções de língua de partida e língua de chegada, além da equivalência, fidelidade, transparência, apagamento, modestia do tradutor, interpretação, separações entre sentido e estilo, e entre sentido e forma, pois são, nas suas palavras, as que constituem os alicerces de uma má tradução. Para ele, o modo de significar está no ritmo, não no sentido das palavras, por isso, traduzir deve passar pela escuta do contínuo rítmico, prosódico e semântico.

Na primeira parte do livro, *A Prática: É a Teoria*, Meschonnic aduz que a tradutologia supõe ser uma ciência, enquanto ele defende uma poética do traduzir, o que implica uma teoria crítica como conjunto da linguagem, da história, do sujeito e da sociedade. Desta forma, conclui o autor, se impede o vício maior das teorias linguísticas contemporâneas, que

trabalham com a linguagem, mas separando-a da literatura. Explica, então, que a teoria crítica surgida por alguns representantes da Escola de Frankfurt é uma teoria que toca o social, a sociedade, tal o caso da linguagem, a literatura e a tradução. A poética do traduzir, segundo o autor, permite distinguir os problemas filológicos dos poéticos e permite situar a tradução numa teoria do sujeito e do social, reconhecendo que a identidade só acontece pela alteridade.

Meschonnic aborda também a questão da pragmática e as argumentações linguísticas sobre o in-traduzível, as quais não chegam a oferecer respostas teóricas. Explica, então, que na sinonímia se confunde o signo com o referente, o que leva à oposição entre conotação e denotação. Meschonnic postula ainda que a política de traduzir e a ética da linguagem estão na poética, e que traduzir contém uma poética e uma política do pensamento, no qual o estatuto do sujeito tem uma função predominante. Ele explica logo o percurso do pen-

samento da linguagem ao longo dos séculos, mas que a noção de discurso, algo frágil ainda, data apenas dos anos de 1930.

A realização máxima do discurso, segundo expõe, é a literatura e a oralidade, que não oculta o paradoxo entre a escrita e a verbalização. No entanto, é a partir da literatura que a teoria da tradução pode exercer um papel crítico. Por isso, toma distância dos que consideram que para traduzir é preciso compreender, ergo interpretar. Neste ponto, a exposição sobre a teoria da tradução dialoga com a filosofia, pois a poesia está no coração dela. “Há sem dúvida uma filosofia espontânea da linguagem e da literatura no tradutor”, diz Meschonnic. A literatura é a prova da tradução, afirma o autor, embora as traduções técnicas e científicas sejam as mais antigas e divulgadas. Mas logo critica a necessidade de se precisar de um químico, por exemplo, para traduzir um texto da química, enquanto um filólogo está por si só, apto para traduzir literatura, o que mostra uma contradição. Então, conclui:

Se aceitamos que o poema seja substituído somente pelo enunciado do que ele diz, ao qual ele não se reduz, é porque os critérios da tradução literária são então mais frouxos que os da tradução técnico-científica. (...) A primeira e última traição que a tradução pode cometer é a de lhe roubar aquilo que a faz literatura... (pp. 26 e 30)

A questão do ritmo parece ser transcendental para Meschonnic, pois em todo texto há ritmo e a tradução deve levá-lo em conta. Em sua opinião, o ritmo transforma toda a teoria da linguagem, renova a tradução e constitui um critério para seu valor, sua poética e sua poeticidade. “É na poesia e para a poesia que eu trabalho a poética da tradução”, diz. Note-se que aparece aqui uma diferença significativa entre poética *da tradução* e poética *do traduzir*, tal como figura no título do livro, diferença que ele mesmo frisou entre *produto finalizado* e *fazer o produto*.

Como a tradução literária coloca as literaturas em contato e não as línguas, o autor francês mais uma vez condena as más

traduções (traduções-língua) em oposição às traduções-texto. E logo retoma a noção de ritmo, seguindo as pistas de Émile Benveniste, ao entender o ritmo como a organização (da prosódia à entonação) da subjetividade e a própria operação do sentido do discurso. A Bíblia, em sua opinião, parece ser o grande desafio da teoria tradicional e a teoria crítica da tradução, porque ela apresenta uma organização única do discurso pelo ritmo, o que simultaneamente, leva a distinguir o oral do falado.

Nessa mesma linha, na qual o ritmo transforma o modo de significar, o autor incorpora ao poema o texto filosófico. Destaca, então, que as traduções do sentido, limitadas à filologia e à língua, se fazem numa ausência de poética, o que mostra que não basta o saber da língua, mas o saber poético que se ativa no fazer da tradução, pois sempre que tiver um efeito poético, haverá um problema poético na sua tradução.

Meschonnic lembra Beneviste, Bronislaw Malinóvski e Ludwig Wittgenstein ao referir o

pensamento da linguagem e critica logo o ecletismo de Eugene Nida, porque parte de uma envelhecida teoria da informação. Afirma que Nida toma um pouco de todas as doutrinas, incluída a gramática gerativa, a qual não conhece mais o discurso, e menos ainda a literatura, reforçando sua postura de predominância do ritmo discursivo, da oralidade e da poeticidade do texto filosófico e literário.

Sem o propósito de esquematizar, pois elas estão ainda na metade de um livro que

discute dialeticamente cada assunto, Meschonnic lança mão do recurso do contraste, entre a *má* e a *boa* tradução no âmbito da poética. Sustenta que é *má* aquela tradução que substitui a poética do texto pela ausência de poética; ou que substitui o ritmo e a oralidade pelo descontínuo do signo; que substitui a organização de um sistema do discurso pela destruição desse sistema; que substitui a subjetivação máxima da língua pelas garantias da língua e do gosto ambiente; que substitui a alteridade pela identidade, e a

historicidade pelo historicismo ou a des-historicização. Em contrapartida, é *boa* aquela tradução que inventa sua própria poética, que substitui as soluções da língua por problemas do discurso, que tendo o texto como unidade, guarda a alteridade como tal.

Na segunda parte do livro, *A Teoria: É a Prática*, Meschonnic parte do pressuposto de que o teatro é uma arte do efêmero e aborda o desafio permanente que supõe traduzir o texto de Hamlet. Analisa a crítica da literatura, da tradução, das artes da linguagem e do espetáculo na imprensa. Diz que ela é uma crítica do gosto, subjetiva e passional, uma crítica distinta, na qual se confunde a cultura com o cultural, e faz passar por verificação e análise algo que resvala na impostura. “A crítica distinta pode-se disfarçar em argumentos”, diz o autor e acrescenta: “a retórica da persuasão é cumulativa”. Afirmo, então, que não há simetria entre o elogio e a rejeição, mas que só esta é superior. A teoria da linguagem desta crítica é a teoria tradicional, que procura manter a sociedade como

ela é, enquanto sua poética é a ausência mesmo de poética.

Toma logo novos exemplos de Shakespeare e sua tradução à língua francesa, destacando as dificuldades para resolver questões relacionadas com o uso dos neutros, dos passivos, das invenções verbais e neologismos, além de outras criações de escritura. Dos tradutores afirma que François-Victor Hugo visa a exatidão, embora elimine muitas metáforas; André Gide gosta dos arcaísmos e escapa da invenção verbal, embora edulcore as metáforas mais ousadas; Yves Bonnefoy procura o alexandrino, mas cai no clichê, no apagamento das metáforas e no academicismo dos versos. E diz que em todos os casos, se nota que o sentido das palavras não se liga necessariamente ao ritmo do sentido. Para o autor, as traduções de Shakespeare que contam vieram dos poetas e não das universidades, porque os poetas são capazes de encontrar a importância do ritmo para além da sintaxe.

A modo de conclusão é possível dizer que a abordagem do

assunto tratado no livro é de uma peculiaridade singular pela sua prosa e porque dialoga com uma enorme diversidade de autores e disciplinas que, por momentos, cria até uma certa incômodo devido a seu tom irônico e algo duro. A relevância dada à questão do ritmo é muito bem trabalhada, tanto quanto à oralidade, lhe dando transcendência à concepção do texto literário, em especial ao que se refere à literatura em versos. Os exemplos nos quais se conjuga a presença da aliteração e do movimento rítmico, por exemplo, são bastante contundentes para entender melhor o ato de traduzir e a poética inserida nele, considerando que, finalmente, esses versos serão declamados, muito mais do que lido em silêncio. Ele pensa a Bíblia como um texto a ser lido em voz alta e, sob essa perspectiva, pensa numa poética do traduzir que leve como

ponto de partida esse postulado implícito. Talvez por isso lança mão da dramaturgia, na qual a intensidade da expressão interpretativa se torna central, para discutir a tradução de poesia. A relação entre a prática e a teoria se trata para Meschonnic de uma unidade inseparável, o que torna seus argumentos mais sólidos do ponto de vista da raiz experimental na qual se sustentam. É um livro, sem dúvida, que contribui muito para os Estudos da Tradução e de leitura inevitável para aqueles que pesquisam tradução de literatura e, nela, tradução de poesia.

Pablo Daniel Andrada
Universidade Federal da Paraíba

Recebido em: 14- 01-14

Aceito em: 03-04-14
